

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA, UM MOVIMENTO IRREVERSÍVEL

Os desafios da chamada “transição energética” impõem-se aos Estados e às organizações de uma forma inevitável e a um ritmo muito acelerado.

Estamos perante uma verdadeira revolução onde a urgência ambiental e as necessidades socioeconómicas se aliam a uma transformação tecnológica e digital sem precedentes, impondo uma dinâmica de verdadeira transformação transversal a todos os sectores económicos.

Na União Europeia, o Pacto Ecológico Europeu (*Green Deal*) é o motor para a Transição Energética assente numa recuperação económica ambientalmente sustentável – a *Green Recovery*. A fasquia é alta. A União Europeia anunciou a ambição de se transformar num continente “l” em 2050, transformando a UE numa economia moderna e competitiva, com uma gestão eficiente de recursos e menor dependência energética.



ANA LUÍSA DE SOUSA

SÓCIA RESPONSÁVEL DA
ÁREA DE ENERGIA & RECURSOS
NATURAIS DA VDA

O primeiro e mais visível passo é a imposição de uma redução drástica do uso de combustíveis fósseis, o que impõe por si só uma mudança de paradigma no sector dos transportes e mobilidade e uma pressão exponencial no aumento de produção de energias de fonte renovável. Os custos associados à descarbonização da economia são elevados e o processo não é isento de preocupações que têm de ser acauteladas.

Em primeiro lugar, há que ter presente que o abandono dos combustíveis fósseis não é acompanhado por uma redução das necessidades energéticas. Pelo contrário, a descarbonização da economia importará por si só um aumento da eletrificação nos processos produtivos, nas infraestruturas, nos transportes e na habitação. Ao que se junta ainda o consumo significativo de energia associado às tecnologias Big Data e Inteligência Artificial.

Um segundo aspeto a ponderar é a segurança do abastecimento num sistema de produção assente em fontes renováveis e, por isso, dependente de condições atmosféricas. A promoção da produção de energia de fonte renovável terá de ser complementada por soluções tecnológicas que possibilitem infraestruturas de armazenamento de maior escala, reforçando-se a capacidade de resposta do sistema elétrico.

OPINIÃO

Por último, terá de ser feito um investimento significativo na digitalização e implementação universal de redes inteligentes que funcionarão como o principal catalisador da gestão eficiente dos consumos, permitindo uma maior flexibilidade dos sistemas e o estabelecimento de mercados dinâmicos e integrados.

Tendo em conta os desafios que se colocam, o caminho da transição energética terá de se apoiar, a par com a contínua aposta na promoção da produção de energia de fonte renovável, em dois novos pilares: a produção descentralizada e o hidrogénio verde.

A produção descentralizada de energia, ao aproximar a produção e o consumo, reduz a pressão sobre as infraestruturas de redes e o custo com o reforço dessas infraestruturas, ao mesmo tempo que torna o sistema mais resiliente pela redução da dependência dos sistemas centralizados.

Neste âmbito, a crescente oferta de soluções de auto-consumo acessíveis associadas a um desenvolvimento das comunidades de energia (onde produtores-consumidores partilham infraestrutu-

ras com outros consumidores em relação de vizinhança) permitirá reduzir os custos do investimento para dar resposta às necessidades de consumo, ao mesmo tempo que permite combater assimetrias regionais e a pobreza energética.

Não obstante a aposta clara na produção descentralizada, o hidrogénio verde tem vindo a ser apontado como o motor central desta transição energética, apresentando-se como a verdadeira alternativa aos combustíveis fósseis ao produzir gás de origem renovável e permitir ao mesmo tempo soluções de armazenamento que sirvam a segurança do abastecimento e a promoção de outros combustíveis de base renovável (como é o caso dos combustíveis sintéticos para o setor dos transportes marítimos e aviação).

Esta premissa veio a ser reforçada com a presente crise energética e a subida do preço do gás natural, confirmando que a médio prazo não só o hidrogénio verde será competitivo no mercado como essencial à independência energética da Europa.

Neste âmbito, Portugal destaca-se mais uma vez como

o “bom aluno” e tem vindo a assumir a liderança da chamada fileira do hidrogénio, posicionando-se como um dos países europeus que se propõe a ser exportador de hidrogénio verde para a Europa. De acordo com o Estratégia Nacional de Hidrogénio, Portugal pretende atingir até 2030 uma capacidade instalada de eletrolisadores na ordem dos 2 GW e garantir, no horizonte 2050, a descarbonização total da rede de Gás Natural e das centrais elétricas.

Portugal está a dar os primeiros passos neste longo caminho. O projeto H2Sines obteve um financiamento comunitário de 40 milhões de euros e já foi submetida uma primeira candidatura de projetos de produção de hidrogénio verde ao estatuto de Projeto Importante de Interesse Europeu Comum (IPCEI) junto da Comissão Europeia, tendo em vista a obtenção de fundos comunitários significativos. Nesta primeira ronda foram escolhidos os projetos apresentados pela Bondalti, Fusion Fuel e 1s1Energy, mas outros projetos poderão ser objeto de rondas subsequentes.

Projetos de menor dimensão têm obtido financiamento

OPINIÃO

européu através de candidaturas ao POSEUR (que em 2021 selecionou 13 projetos no âmbito de um financiamento de 40 milhões de euros). Ao abrigo do Plano de Recuperação e Resiliência, foi lançado recentemente um aviso com candidaturas a apresentar até 31 de janeiro, para atribuição de 62 milhões de euros destinados a projetos de produção de hidrogénio verde. Este é apenas o primeiro de três avisos que ao abrigo do PRR, se prevê atribuírem 185

milhões de euros para a produção de hidrogénio verde.

Pese embora os incentivos aos projetos de produção de hidrogénio, há ainda uma grande incerteza quanto à sustentabilidade destas operações. A confiança necessária à rápida concretização de investimentos de maior escala dependerá da definição de um enquadramento coerente e integrado que clarifique os incentivos à produção e consumo de hidrogénio e promova a

criação de uma cadeia de valor que suporte de forma sustentável esta nova economia do hidrogénio.

O cumprimento das metas ambiciosas que foram definidas colocam-nos grandes desafios que precisam de uma resposta urgente. Estamos certos, porém, que esta transição é ditada por um movimento irreversível, assumido de forma consciente e com um propósito claro que nos conduzirá a um futuro mais sustentável. ■

